



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 14 de setembro de 1983

1. "O Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos" (*Mc. 10, 45*).

Caríssimos Irmãos e Irmãs, com estas palavras, pronunciadas durante a sua vida terrena, Jesus revelou aos discípulos o verdadeiro significado da Sua existência e da Sua morte. Hoje, 14 de Setembro, dia em que a Igreja celebra a festa da Exaltação da Santa Cruz, queremos deter-nos a meditar sobre o significado da morte redentora de Cristo. Uma pergunta vem espontaneamente ao nosso espírito: Jesus previu a sua morte e compreendeu-a como morte pelos homens? Aceitou-a e considerou-a como tal?

Vê-se de maneira clara pelos Evangelhos que Jesus foi ao encontro da morte *voluntariamente*. "Tenho de receber um baptismo, e que angústias as minhas até que ele se Realize!" (*Lc. 12, 50*; cf. *Mc. 10,-39*; *Mt. 20, 23*). Teria podido subtrair-se a ela fugindo, como haviam feito já alguns profetas perseguidos, como Elias e outros. Mas Jesus quis "subir a Jerusalém", "entrar em Jerusalém", purificar o templo, celebrar a última ceia pascal com os seus, ir para o monte das Oliveiras "para que o mundo soubesse que amava o Pai e fazia como o Pai Lhe tinha mandado" (cf. *Jo. 14, 31*).

É também certo e inegável que da sua morte *foram responsáveis os homens*. "Vós O entregastes e negastes na presença de Pilatos — declara Pedro ao povo de Jerusalém — estando ele resolvido a libertá-lo. Negastes o Santo e o Justo e pedistes a libertação de um assassino. Destes a morte ao Príncipe da Vida" (*Act. 3, 13-14*). Houve a responsabilidade dos Romanos e a dos chefes dos Judeus, e houve o pedido da multidão astutamente manipulada.

2. Quase todas as manifestações do mal, do pecado e do sofrimento se tornaram presentes na paixão e na morte de Jesus: o cálculo, o ciúme, a vileza, a traição, a avareza, a sede de poder, a violência, a ingratidão por um lado, e pelo outro o abandono, o sofrimento físico e moral, a solidão, a tristeza e o desconforto, o medo e a angústia. Recordemos as palavras dilacerantes no Getsémani: "A Minha alma está numa tristeza de morte" (*Mc.* 14, 34) "e cheio de angústia — narra São Lucas — pôs-Se a orar mais instantemente, e o suor tornou-se-Lhe como grossas gotas de sangue, que caiam na terra" (*Lc.* 22, 44).

A morte de Jesus foi, um exemplo nobilíssimo de honestidade, de coerência, de adesão à verdade até ao supremo sacrifício de Si. Por isto a Paixão e a morte de Jesus são desde sempre o *símbolo da morte do justo* que suporta heroicamente o martírio para não trair a sua consciência nem as exigências da verdade e da lei moral. É verdade: a Paixão de Cristo não cessa de nos assombrar pelos exemplos que nos deixou. Já o salientava a Epístola de São Pedro (cf. *1 Ped.* 2, 20-23).

3. Jesus aceitou voluntariamente a Sua morte. De facto, sabemos que Ele a predisse repetidas vezes: anunciou-a três vezes, durante a subida a Jerusalém: haveria de "sofrer muito... ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar" (*Mt.* 16, 21; 17, 22; 20, 18 e paralelos); e depois, precisamente em Jerusalém, contou com evidente referência a Si a parábola do chefe de família, cujo filho fora morto pelos ingratos vinhateiros (cf. *Mt.* 21, .8334). .

Por fim, no momento supremo e solene da última Ceia, Jesus resumindo o sentido da Sua vida e da Sua morte no de uma oferta feita pelos outros, pela multidão dos homens, fala do Seu "corpo que é dado por vós", do Seu "sangue que é derramado por vós" (*Lc.* 22, 19-20 e paralelos).

A vida de Jesus é portanto uma *existência para os outros*, uma existência que culmina numa morte-pelos-outros, entendendo-se nos "outros" a inteira família humana com todo o peso das culpas que traz consigo desde o princípio.

4. Se observarmos depois a narração da Sua morte, as últimas palavras de Jesus lançam ulterior luz sobre o significado que Ele deu à Sua vida terrena. Os evangelistas revelam-nos algumas destas palavras. Lucas anota o grito: "Pai, nas tuas mãos entrego o Meu espírito" (*Lc.* 23, 46); é o acto supremo e definitivo da oferta humana de Jesus ao Pai. João anota a inclinação da cabeça e as palavras: "Tudo está consumado" (*Jo.* 19, 30); é o ápice da obediência ao desígnio de "Deus que não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele" (*Jo.* 3, 17). Os evangelistas Mateus e Marcos por sua vez dão relevo à invocação: "Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste?" (*Mt.* 27, 46; *Mc.* 15, 34), colocando-nos perante o grande sofrimento de Cristo que afronta a passagem com grito humaníssimo e paradoxal, em que está encerrada de modo dramático a consciência da presença d'Aquele que naquele momento parecia ausente: "Meu Deus, Meu Deus".

Não há dúvida que Jesus concebeu a Sua vida e a Sua morte como *meio de resgate* (*lytron*) pelos homens. Estamos aqui no coração do mistério, da vida de Cristo. Jesus quis dar-se por nós. Como escreveu São Paulo: "Amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim" (*Gál. 2, 20*).

Recordando a viagem à Áustria

A intensidade de sentimentos suscitados em mim pela peregrinação na Áustria, concluída ontem à noite, leva-me a dizer uma breve palavra sobre este acontecimento eclesial que permanecerá para sempre no meu coração.

Desejo antes de mais exprimir o meu sincero agradecimento ao Presidente daquela Nação pelo cordial acolhimento e pelas grandes atenções tidas para comigo. Agradeço aos meus Irmãos no Episcopado —| e de modo especial ao Cardeal König — a sua hospitalidade e cordialidade. Agradeço-lhes também, e aos seus colaboradores, a diligente preparação e a perfeita organização dos vários momentos da visita no contexto do *Katholikentag*.

Um obrigado além disso a todos os Sacerdotes e Religiosos, e a todas as Religiosas: confio-os à materna protecção de Nossa Senhora de Mariazell, em cujo Santuário tive a alegria de os encontrar.

Agradeço aos homens da cultura, da ciência e da arte; agradeço aos trabalhadores; agradeço aos doentes e aos anciãos.

Um particular agradecimento desejaria exprimir aos jovens, cujo entusiasmo e cuja numerosa participação deram uma nota de vitalidade à inteira peregrinação.

O meu pensamento dirige-se, enfim, a todos os Austríacos, a quem agradeço o seu testemunho de fé e de afecto, fazendo votos por que a meditação feita nesses dias sobre a missão e o papel da sua Nação no contexto da Europa, seja motivo de renovado empenho a viverem em fiel adesão às exigências que derivam das comuns raízes cristãs.

Saudações especiais

O meu pensamento dirige-se agora aos *Jovens* aqui vindos de todas as partes. A vós, caríssimos jovens, que empreendeis com a esperança no coração o caminho da vida, faço o apelo a olhar

para Cristo com confiança, a segui-1'O com entusiasmo e plena doação.

Cristo, o Crucificado, que remiu e renovou o mundo com o sacrifício da sua Cruz, ajudar-vos-á a dispor a vossa vida na justiça e no amor, ao serviço daqueles que, ao redor de vós, cada dia, compartilham os Seus sofrimentos: os pobres, os doentes e os anciãos, nos quais Ele está presente e quer ser servido. Acompanhe-vos a minha Bênção Apostólica.

A vós, caros *Doentes*, que levais no corpo e no espírito como Cristo os sinais do sofrimento, digo: Cristo Redentor associa-vos ao mistério da Sua morte, e ressurreição que hoje celebramos na liturgia da Exaltação da Santa Cruz.

Exorto-vos, pois, a oferecer, neste Ano Santo Jubilar, as Vossas dores e os vossos sofrimentos pela conversão de tantos irmãos no mundo, enquanto de coração concedo a cada um de vós a minha Bênção.

Saúdo-vos agora, *Jovens Casais* que, revigorados pelo Sacramento do Matrimónio, viestes a Roma para venerar a memória do Apóstolo Pedro, modelo da fé.

Em todos os dias da vossa vida, Cristo seja o ideal dos vossos pensamentos e das vossas aspirações. D'Ele hauri a vossa força, a Ele dai o precioso testemunho da vossa fé.

Para isto esteja convosco a minha Bênção Apostólica propiciadora de uma vida tranquila e santa.